



O TRABALHO: ESSÊNCIA HUMANA E ELEMENTO FORMADOR DA PRÁXIS EDUCATIVA

SAMPAIO, Telmano Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)
telmano.rodrigues@hotmail.com

ZIENTARSKI, Clarice
Universidade Federal do Ceará (UFC)
claricezientarski@yahoo.com.br

Eixo temático 1: Trabalho, práxis e educação: fundamentos educacionais

RESUMO

O estudo bibliográfico discute sobre o trabalho enquanto essência humana e elemento formador da práxis educativa, é apoiado no materialismo histórico dialético, método desenvolvido por Karl Marx, que tem dois momentos fundamentais, a pesquisa e a exposição. Parte-se portando dos fundamentos históricos e ontológicos da humanidade e depois adentra-se no processo de produção capitalista da sociedade moderna. Conclui-se com isso que as implicações para o trabalhador nesse meio são: alienação, adoecimento, perda da sua identidade formadora e morte.

Palavras-chave: Trabalho. Essência humana. Materialismo histórico dialético. Práxis educativa.

1 INTRODUÇÃO

Neste texto, discute-se o trabalho e tem-se como referencial teórico, dentre outras obras: *O capital I* (MARX, 2012); *Manuscritos econômico-filosóficos* (MARX, 2004); *A ideologia alemã* (MARX; ENGELS, 2007); *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (ENGELS, 2010); *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (ENGELS, 2012); além de intérpretes de Karl Marx que se dedicaram aos estudos desse tema. Destaca-se que os argumentos presentes nesse estudo debatem a questão do trabalho e da educação, com enfoque no sistema capitalista de produção, que é onde Marx realiza suas pesquisas e análises. Ele vai em busca do método da economia política, e com isso desenvolve o método materialista dialético que implica em um novo *quantum*, uma nova metodologia, onde procura analisar os pressupostos e concatená-los em uma relação de totalidade.

Conforme Lukács (2012), ao analisar o processo histórico humano, constata-se que, em sua gênese, o homem necessitou da apropriação da natureza para sobreviver. Percebe-se nesse momento que essa ação, a qual, no sentido ontológico, se caracteriza pela práxis, tendo acento privilegiado no trabalho, é a síntese entre teleologia e causalidade. Dessa forma, pode-se dizer que a vida do homem tem seu cerne no trabalho, ou seja, sua



essência está no trabalho, categoria fundante do ser social. Segundo Saviani (2007, p. 154), no “processo de surgimento do homem vamos constatar seu início no momento em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida.”

Ao implementar o presente estudo, não se pode ignorar que no estágio considerado “selvagem”¹ “encontra-se já alguns indícios de residência fixa em aldeias e certa habilidade na produção dos meios de subsistência.” (ENGELS, 2012, p. 31). Tem-se aí, portanto, um dos princípios do desenvolvimento coletivo dos meios de sobrevivência. Assim, é importante destacar que nesse período não havia divisões de classes, a todos era dado segundo o trabalho em comunidade. Para Saviani (2007, p. 155), “estão aí também os fundamentos históricos ontológicos da relação trabalho-educação, tendo como consequência o próprio homem.” Para Marx (2012, p. 213), “[...] o processo de trabalho, ao atingir certo nível de desenvolvimento, exige meios de trabalho já elaborados[...].”

Na antiguidade, onde predominava o trabalho escravo, a divisão do trabalho provoca a divisão da educação, sendo uma educação para os homens livres e outra para os escravos. Na Idade Média, a organização em feudos inova quanto ao processo de produção, mas o aumento de excedentes também provoca o declínio dessa sociedade. Na sociedade capitalista percebe-se as relações de contradição entre trabalho e educação o que é peculiar nesse estágio.

Com a criação do comércio² e com as grandes navegações, a burguesia irá planejar o desenvolvimento da Revolução Industrial (1776). Surge o modo de produção capitalista e com isso surge também o proletariado para contrapor as ideias da classe burguesa. A partir da Revolução Francesa (1789),³ a burguesia irá provocar profundas mudanças na sociedade. Ainda segundo Saviani (2007, p. 157), “o desenvolvimento da sociedade em classes, ou seja, especificamente em suas formas escravista e feudal consumou a separação entre educação e trabalho.” E na sociedade capitalista esse processo fica mais evidente ainda, pois “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes [...]” (MARX; ENGELS, 2005, p. 40). Com o avanço das forças produtivas e do comércio surge a grande indústria para alavancar todo esse desenvolvimento, com isso cria-se a maquinaria, a mecânica teórica aperfeiçoada por Newton e a divisão do trabalho.

[A grande indústria] criou pela primeira vez a história mundial, ao tornar toda nação civilizada e cada indivíduo dentro dela dependentes do mundo inteiro para a satisfação de suas necessidades, e suprimiu o anterior caráter exclusivista e natural

¹ Ver importante referência sobre as comunidades primitivas em Engels (2012).

² Encontra-se em Marx e Engels (2007, p. 54-59) excelente exposição sobre a expansão do comércio e o desenvolvimento da burguesia.

³ Importante referência sobre o tema: Soboul (2003).



das nações singulares. Subsumiu a ciência natural ao capital e tomou da divisão do trabalho a sua última aparência de naturalidade [...] (MARX; ENGELS, 2007, p. 60).

O trabalho na seleção de trapos e nas olarias empregava crianças e mulheres, era a brutalização, a degradação humana em uma rotina exaustiva que durava das 5 horas da manhã até as 8 da noite. Em certo momento, para essas crianças de até dez anos, depois de concluído o trabalho pesado as meninas ainda faziam companhia aos homens nas tabernas. Marx e Engels (2007, p. 40) ainda salientam que:

[...] Essa transformação da história em história mundial não é um mero ato abstrato da "autoconsciência", do espírito mundial ou de outro fantasma metafísico qualquer, mas sim uma ação plenamente material, empiricamente verificável, uma ação da qual cada indivíduo fornece a prova, na medida em que anda e para, come, bebe e se veste.

O que Marx e Engels defendem com seu método revolucionário é a concepção de uma nova sociedade, pautada nos preceitos do trabalho livre e na defesa de uma educação para as massas trabalhadoras,⁴ pois dentro desse modelo de sociedade o trabalhador não passa de uma ferramenta de trabalho, servindo apenas para produzir riquezas e com isso perde seu fundamento ontológico.

2 TRABALHO: A ESSÊNCIA HUMANA E A PERCA DO SEU FUNDAMENTO

A essência humana é dada pelo trabalho e, com o desenvolvimento de suas ações, o homem vai forjando na história sua existência, formando-se pelas relações com os outros homens. Pode-se então dizer que o processo educativo, mediação⁵ presente no trabalho, se funda nesse exato momento e confunde-se com o próprio trabalho, permitindo a reprodução social com novas condições de opressão e novas formas de luta, conforme destacam Marx e Engels em suas obras. A sociedade burguesa implementa ações de dominação que provocam profundas mudanças nas relações sociais, descaracterizando o fundamento formador da categoria trabalho, pois:

[...] Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 2012, p. 211).

⁴ Sobre o assunto ver em Marx (2012, p. 552-553).

⁵ "'Mediação' é uma categoria central da dialética que, em articulação com a 'ação recíproca', compõe com a 'totalidade' e a 'contradição', o arcabouço categorial básico da concepção dialética da realidade e do conhecimento." (SAVIANI, 2015, p. 26).



Engels (2010, p. 308) sublinha que a relação estabelecida entre o industrial e o operário não se constitui como uma relação humana: “é uma relação puramente econômica – o industrial é o ‘capital’, o operário é o ‘trabalho’.” Assim, o burguês se assombra quando “o operário se recusa a enquadrar-se nessa abstração, quando afirma que não é apenas ‘trabalho’”, quando ele afirma que é “um homem que, entre outras faculdades, dispõe da capacidade de trabalhar, também, quando se convence que não deve ser comprado e vendido como ‘trabalho’ como qualquer outra mercadoria no mercado.” O burguês não pode conceber uma relação com o operário que não seja a da compra-venda; “não vê no operário um homem”, vê apenas mãos. Os relatos de Engels são bem claros, pois nesse tempo os trabalhadores só valiam o quanto pudessem produzir, como fica claro nas linhas traçadas, que seguem:

Desconheço uma classe tão profundamente imoral, tão incuravelmente corrupta, tão incapaz de avançar para além do seu medular egoísmo como a burguesia inglesa – e penso aqui na burguesia propriamente dita, em particular a liberal, empenhada na revogação das leis sobre os cereais. Para ela, o mundo (inclusive ela mesma) só existe em função do dinheiro; sua vida se reduz a conseguir dinheiro; a única felicidade de que desfruta é ganhar dinheiro rapidamente e o único sofrimento que pode experimentar é perdê-lo. (ENGELS, 2010, p. 307).

Trata-se do domínio da máquina sobre membros humanos; cabeça, braços, mãos, pernas e pés já não conseguem mais realizar as tarefas mais elementares, os sentidos não mais respondem aos estímulos, com isso o homem trabalhador desce à sepultura, mesmo estando no mundo dos vivos, o seu ser agora fragilizado e manipulado não consegue mover-se em direção à liberdade, a máquina transformou-se em seu amigo mais fiel. Mulher, filhos, enfim, família, nada disso importa ao trabalhador, somente a grande indústria satisfaz os seus desejos. São características marcantes desse modelo de sociedade, que nega a essência do trabalho como elemento formador do trabalhador.

3 CONCLUSÕES

O homem na sociedade capitalista já não se reconhece como um ser singular, pois perde o seu poder de pensar, de agir conscientemente, seus sentidos⁶ já não respondem aos apelos de suas necessidades, há um embrutecimento total, o ser fica petrificado, parado nas ruínas do tempo, enquanto o burguês caminha a passos longos para uma vida plena. Aquela mediação primitiva entre o homem e a natureza, em um sentido ontológico,

⁶ “O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter. A esta absoluta miséria tinha de ser reduzida a essência humana [...]” (MARX, 2004, p. 108).



se perdeu nas poucas lembranças que o homem ainda tem. Seu esforço maior é para manter-se vivo e com muita sorte em liberdade, assim como o interesse do burguês é que o trabalhador se mantenha em condições de produzir riquezas ignorando todo o restante da sua existência.

Importante destacar nesse ínterim que, se a atividade do homem não pode lhe trazer satisfação plena, ela promove um efeito contrário e é por esse caminho, o princípio da contradição, que Marx direciona suas pesquisas para apreender os desdobramentos do estranhamento no trabalho, submisso ao modo de produção capitalista. Segundo Marx (2004, p. 31), “a economia nacional conhece o trabalhador apenas como animal de trabalho, como uma besta reduzida às mais estritas necessidades corporais.” E, “por isso, uma parte da classe trabalhadora cai, assim, necessariamente na classe dos miseráveis ou mortos de fome, tal como uma parte dos capitalistas médios decai na classe trabalhadora.” (MARX, 2004, p. 27).

As determinações de poder que o capitalismo sobrepunha sobre o trabalho e a educação são orientações de servidão, as leis burguesas sobre a exploração no trabalho são explicitamente claras no que concerne à submissão do trabalhador ao capital. Essas implicações podem ser observadas de forma clara com a evolução da ciência e do maquinário, conforme se observa nessa pesquisa. Na sociedade capitalista o importante é a produção, o lucro, a renda, e o trabalhador nessa realidade é apenas instrumento de trabalho, uma ferramenta qualquer que pode ser substituída por outra, uma ação insensível, sem nenhuma preocupação com o trabalhador e muito menos com a sua formação.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. Edição José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Lafont, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Scheneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Montano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.



MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I. 30. ed. Tradução Reinaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SAVIANI, Dermeval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.